



RELACIONAMENTOS HOMOAFETIVOS: DESAFIOS PARA UMA EXPRESSÃO NO ESPAÇO PÚBLICO

HOMOAFFECTIVE RELATIONSHIPS: THE CHALLENGES TO EXPRESS IN PUBLIC SPACES

Nilsilenis Barbosa Silva¹
Amanda Fernandes Moreira²
Priscila Augusta³
Raíssa Fagundes⁴
Luiz Carlos Castello Branco Rena⁵

RESUMO: O presente artigo se propõe a discutir sobre os desafios encontrados por acadêmicos (as) homoafetivos (as) ao se expressarem afetivamente no espaço universitário. Foi elaborado a partir de uma pesquisa realizada em 2015, com participação voluntária de 15 estudantes homoafetivos da PUC Minas, com idade entre 18 e 24 anos, de ambos os sexos. A construção do artigo teve como base a abordagem sócio-histórica, que compreende o sujeito como constructo que emerge da constante relação com o contexto sócio-cultural em que está inserido. Optou-se pelo modelo qualitativo de pesquisa, onde o pesquisador é uma parte integrante do processo investigativo. O registro das entrevistas deu-se mediante gravação de áudio e transcrições posteriores, adotando a técnica de análise de conteúdo temática para interpretação dos dados. Os resultados apontam que os principais desafios para expressões homoafetivas no espaço público e universitário estão ligados a intolerância da sociedade ao presenciarem manifestações de afeto entre pessoas do mesmo sexo, o medo de agressões físicas, e também a falta de reconhecimento e aceitação perante a família. Ficou evidenciada a necessidade de promover discussões e reflexões sobre as diferentes formas de amar, bem como as possibilidades de superação dos atuais padrões sociais e sexuais na direção de novas estéticas da existência.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia; Homoafetividade; Homofobia; Sexualidade; Universidade.

ABSTRACT: The main propose of this article is to discuss the challenges found by homoaffective academics when they expresses affectively in university space. It was elaborated from a research made in 2015, with a volunteer participation of 15 homoaffective students of PUC Minas, with age between 18 to 24 years old. This article was built based on a social-historical approach, that comprehends the subject being constantly related to the environment which is inserted. It was choose the qualitative research model, which the researcher is involved directly to the investigative process. The interviews were recorded through audio records and further transcriptions, adopting the thematic content analysis technique for data processing. The results appoint that the main challenges to homoaffective expressions in public spaces and universities are related to the society intolerance when they witness manifestation of affection between people from the same sex, the fear of aggression, and also the lack of recognition and acceptance from the family. It was clear the necessity to promote discussions and reflections about the different ways to love, as well as the possibility of overcoming the actual social and sexual standards in new aesthetic of existence direction.

KEYWORDS: Psychology; Homoaffective; Homophobia; Sexuality; University.

1 INTRODUÇÃO

As discussões acerca da homoafetividade no Brasil tem se tornado cada vez mais frequentes na mídia e entre pessoas comuns que expressam suas opiniões sobre este assunto.

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. nilsilenis@gmail.com

² Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. amandafernandesmoreira@hotmail.com

³ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. prisci.maya@gmail.com

⁴ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. raissafagunds@gmail.com

⁵ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. luiz.rena@pucminas.br

Tais discussões ganharam mais destaque depois que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou o casamento civil igualitário no ano de 2013. Percebe-se junto a essas discussões, a crescente aparição de casais homoafetivos nas novelas de grande público, e essas questões abrem espaço para se discutir o que os heterossexuais pensam sobre a homoafetividade. Entende-se que as opiniões são diversas, indo da compreensão à intolerância, o que nos mostra a relevância em refletir sobre este assunto.

O estudo é resultante de uma busca por compreender como os alunos homoafetivos das instituições PUC Minas se sentem em relação ao olhar dos alunos heterossexuais sobre si, bem como às suas expressões afetivas no ambiente universitário. A percepção é de que os casos de homofobia não se reduziram, pelo contrário, ainda há muito preconceito. Portanto, o estudo da homoafetividade nas universidades é importante, pois torna possível verificar se há agressão, discriminação e/ou exclusão do homoafetivo quanto a sua orientação sexual e assim, produzir conhecimentos para auxiliar na elaboração, implantação e avaliação de políticas públicas voltadas para o combate à violência e à discriminação por orientação sexual.

A pesquisa foi embasada na abordagem sócio-histórica, que segundo Freitas enfatiza a “compreensão dos fenômenos a partir de seu acontecer histórico no qual o particular é considerado uma instância da totalidade social”. (FREITAS, 2002, p. 21). A abordagem sócio-histórica, segundo Molon (2008), “busca a síntese do homem como ser biológico, histórico e social, e não elimina as diferenças e as especificidades de cada um”. Para Vygotsky citado por Lucc (2006), o homem é moldado pela cultura que ele próprio cria, e é por meio da relação com o outro que ele se desenvolve.

O tema da sexualidade problematiza a questão contrapondo-a com a moral contemporânea. De acordo com Marola e outros (2011), o Cristianismo contribuiu de forma significativa na construção de novas estratégias para impor essa moral. Ainda segundo os mesmos, tal postura repressiva e silenciosa sobre a sexualidade perdurou até que Freud, no século XX, abriu novas possibilidades para o estudo das pulsões sexuais, conseguindo assim, através da medicina, se livrar de algumas limitações impostas pelo moralismo cristão, ampliando as discussões acerca da temática.

Assim como a sociedade muda de acordo com o padrão de desenvolvimento, o conceito de sexo também se modifica, em conformidade com o tempo histórico e as convenções de cada sociedade. Nunes (2003) afirma que as relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a interesses de épocas diferentes.

A homoafetividade, que desvia da heteronormatividade, é entendida como relação afetiva e/ou união existente entre pessoas do mesmo sexo, estabelecendo-se uma relação homossexual. Segundo Maranhão (2004), a situação que possibilita o desejo por um (a) parceiro (a) do mesmo sexo não nega sua formação biológica; apenas faz com que a pessoa tenha seus desejos físicos e amorosos investidos exclusivamente a pessoas do mesmo sexo, sendo uma manifestação natural de cada indivíduo.

Segundo Donati e outros (2014), através das mudanças de costumes e valores sociais, os relacionamentos homoafetivos foram ganhando mais espaço no meio social, que vem se mostrando cada vez mais aberto às manifestações desses relacionamentos. No entanto manifestações de rejeição e intolerância, características da homofobia, ainda estão presentes na sociedade.

A palavra “homofobia”, segundo Lionço e Diniz (2010) denomina dois aspectos de uma mesma realidade: uma dimensão pessoal de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição e intolerância aos homoafetivos, e uma dimensão cultural de natureza cognitiva, na qual o objeto da rejeição não é o sujeito em questão, mas a homoafetividade como fenômeno social. Caracteriza-se por manifestações tendenciosas que consistem em posicionar o outro como anormal ou inferior, assim como outras manifestações de preconceito como a xenofobia, o racismo e o antissemitismo, entre outros.

Na essência dos tratamentos discriminatórios, a homofobia tem um papel importante, considerando que é uma forma de inferiorização, consequência da hierarquização da sexualidade, que considera que a heterossexualidade possui um status superior e natural. (LIONÇO; DINIZ, 2010). Pode ser entendida como uma forma de resguardar a heteronormatividade, indo contra a qualquer expressão que não se encaixe neste quadro. A homofobia, portanto, é a manifestação da angústia e desespero ao ver desaparecer a fronteira e a hierarquia da heteronormatividade que, ao longo de todos esses anos, vem sendo reforçada.

As representações sociais, segundo Sêga (2000) podem ser entendidas como uma forma de compreender a realidade cotidiana. Esta, é sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade, é representação de alguma coisa ou de alguém. É nesse sentido que a noção de representação social se diferencia em relação às outras formas psicológicas, pois relaciona também processos simbólicos.

As universidades, segundo Cândido (2001) tem o objetivo de transmitir o conhecimento estabelecido e de criar novos conhecimentos, possibilitando ao aluno novas descobertas. Junqueira (2009) também contribui a respeito, dizendo que a universidade não apenas transmite ou constrói conhecimentos ao aluno, mas o faz de maneira a reproduzir padrões, valores

e crenças sociais contextualizados com o ensino, produzindo assim sujeitos críticos, pensantes e agentes de sua própria realidade.

Segundo Allport citado por Torres (2007), o preconceito não passa de um conceito que se cria antes de saber o que realmente significa, e por esse julgamento inadequado, muitas vezes se maltrata o outro sem pensar nas consequências. Existem diferentes tipos de preconceito, sendo mais comum o preconceito social, racial e sexual. Ainda segundo o mesmo autor, o preconceito pode ser motivado pelas frustrações de pessoas e que eventualmente, podem se tornar raiva ou rancor. Em alguns casos, pessoas que são exploradas, oprimidas, e não podem manifestar sua raiva contra o opressor, deslocam sua raiva para outras pessoas que consideram inferiores, resultando assim na discriminação e o preconceito. Entende-se que o preconceito leva à discriminação, à marginalização e à violência, uma vez que é baseado unicamente nas aparências.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada com apoio do orientador, do colegiado do curso de Psicologia e com o consentimento dos alunos em questão. Para localizar o público alvo, a divulgação da proposta foi realizada pelo colegiado através do sistema SGA, e direcionada a todos os alunos para que, aqueles que se identificassem com a proposta, manifestassem interesse em contribuir com a pesquisa agendando uma entrevista.

Contamos com a participação voluntária de 15 universitários de orientação homoafetiva, com idades entre 18 e 24 anos, de ambos os sexos, que estudam em unidades da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Os estudantes foram informados que a pesquisa seria realizada por graduandos do 4º período do curso de psicologia da PUC MG – Betim com intuito de buscar compreender suas percepções em relação ao olhar dos alunos heterossexuais sobre si, bem como suas expressões afetivas no ambiente universitário. Também foram conscientizados de que suas identidades seriam preservadas em sigilo, e assim, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação.

A pesquisa baseou-se no modelo qualitativo, onde o pesquisador é uma parte integrante do processo investigativo. Este método mostra informações que não podem ser mensuradas, levando em consideração os traços subjetivos dos sujeitos, suas particularidades e estimulando o entrevistado a pensar e a se expressar livremente sobre o assunto em questão. Silva e outros afirmam que:

O foco da pesquisa qualitativa está sempre centrado na compreensão dos significados que o indivíduo atribui as suas ações, e o pesquisador procura entender estes significados segundo as perspectivas destes indivíduos que estão sendo estudados. (SILVA et al, 2016, p. 53).

Como instrumento metodológico, foi utilizada a entrevista semiestruturada, na qual o entrevistador faz perguntas pré-estabelecidas que considere como primordiais para a pesquisa, mas encontra-se livre para ir além dessas perguntas e elaborar novas questões que tornem as respostas mais completas.

O registro das entrevistas deu-se mediante gravação de áudio e transcrições posteriores, adotando a técnica de análise de conteúdo para interpretação dos dados que, segundo Silva consiste em “uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador” (SILVA et al, 2016, p. 53). Os dados foram extraídos dos relatos dos entrevistados, levando-se em conta as opiniões e comentários dos mesmos, não limitando a interpretação a uma simples tabulação de dados. Foram ocultadas quaisquer informações pessoais dos entrevistados, garantindo assim o sigilo ético na pesquisa.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Analisando os dados relativos à experiência de homofobia vivenciada pelos entrevistados, constata-se que a maioria se diz indiferente as reações homofóbicas em que foram envolvidos. No entanto percebem-se algumas contradições quando confrontamos essa posição com o conjunto das respostas oferecidas em outros momentos da entrevista. Uma dessas contradições é, por exemplo, dizerem que nunca sofreram nenhum tipo de homofobia e que encararam com tranquilidade essas experiências, mas preferem não se manifestar em público.

Entendemos que existe certa dificuldade em compartilhar situações constrangedoras já vivenciadas e também a decisão de não manifestarem sua sexualidade como uma forma de proteção, um mecanismo de defesa, deixando essas situações no âmbito do segredo. Laird citado por Santos e Bernardes (2008) trazem a confirmação desta constatação, dizendo que:

Os segredos têm sido vistos como conspiratórios, em geral surgindo e sendo reforçados por experiências que amparam respostas tais como vergonha, culpa, humilhação e medo. [...] informação, e cortando o acesso a um conhecimento e mudança necessária. (LAIRD (1994) apud SANTOS; BERNARDES,2008).

Outra contradição se refere à afirmativa: “nunca sofri nenhum tipo de homofobia” e, em perguntas subsequentes, relatar que já foi chamado por apelidos pejorativos. Por essas

controvérsias entende-se que os entrevistados não demonstram ter uma compreensão clara de homofobia e quais são os comportamentos que poderiam ser classificados como homofóbicos, considerando apenas agressões físicas ou verbais e desconsiderando atos simbólicos. Segundo Dinis (2008), a linguagem é também um fator de exclusão e de expressão de preconceitos, pois a utilização de termos que podem ser naturais no cotidiano, entretanto, expressam conteúdos pejorativos e que podem inferiorizar o sujeito, são também práticas homofóbicas. Entende-se, portanto, a homofobia como uma forma de diferenciar e distanciar o indivíduo homoafetivo à semelhança de outras formas de exclusão. Está presente em olhares, gestos, atos violentos de agressão física, restrição de direitos sociais e até a imposição da exclusão social destes sujeitos. (MEYROU, 2005).

Quando indagados sobre a universidade ser um ambiente que permita a expressão de sua sexualidade, percebemos que a resposta não é unânime. Alguns dizem poder manifestar sua sexualidade sem qualquer tipo de problema:

Eu acredito que sim, porque principalmente os frequentadores da universidade como são mais jovens, é de uma geração que tem a mente muito mais aberta em comparação ao pessoal dos anos atrás, mas mesmo assim ainda tem um pouco de dificuldades né, não é uma coisa tão comum aos olhos de todo mundo, mas sim, é um ambiente bem mais propício para essa manifestação. [...]. (ARTHUR⁶).

Enquanto, outros demonstram dificuldades mesmo sendo um ambiente de formadores de opiniões. Relatam que a universidade é um ambiente com uma grande diversidade de pessoas, por isso é necessário um controle na forma como expressam sua sexualidade, pois ainda existe preconceito com as pessoas homoafetivas.

Por outro lado, outros participantes demonstraram dificuldades mesmo à universidade sendo um ambiente de formadores de opiniões. Relatam que a universidade é um ambiente com uma grande diversidade de pessoas, por isso é necessário um controle na forma como expressar sua sexualidade, pois ainda existe preconceito com as pessoas homoafetivas.

É muito complicado! [...] mesmo dentro da universidade, ainda tem aqueles olhares, aquelas piadas que a pessoa comenta e a gente finge que não escutou. Assim, a homofobia está presente em todos os lugares, isso não muda dentro do setor acadêmico, porque são questões pessoais e aquilo que a pessoa faz dentro de casa ou na rua ela traz para a universidade também. (LIVIA).

Com isso, entendemos que, para os entrevistados, o fato de a universidade formar sujeitos críticos e pensantes não anula o fato de que a diversidade traz opiniões diferentes e que nem todos concordam com as relações homoafetivas.

⁶ Todos os nomes utilizados para identificar os informantes são pseudônimos.

O olhar da sociedade a respeito da homoafetividade ainda se apoia em preconceitos, não existindo total aceitação no convívio diário e muitas vezes impedindo que estes vivenciem sua sexualidade dentro do convívio da nomeada “heteronormatividade”.

É possível perceber na fala de alguns dos entrevistados, que se sentem amedrontados por saberem que estão à margem da violência, e que a qualquer momento podem ser vítimas de agressão em razão de sua orientação sexual.

“[...] eu fico receoso, porque querendo ou não a gente tem medo da agressão por homofóbicos.” (ARTHUR).

Isso ocorre porque, nos meios sociais, a homoafetividade sempre foi vista com muito preconceito e até mesmo como um tabu. Eribon (2008) esclarece que os homoafetivos percebem nos ambientes os limites possíveis às suas práticas de afetividade, dessa forma limitando-os quando preciso. Busca-se, dessa forma, uma aceitação social ao mesmo tempo em que uma vivência da sexualidade.

Percebe-se também, que as reações relatadas são diferentes em relação aos homens e mulheres. As mulheres relatam reações machistas, como citadas abaixo:

“A gente escuta muito ‘Ai que ridículo. Duas mulheres se beijando’. Tem aqueles que dizem também ‘Tá faltando homem! Cabe eu aí no meio?’” (LÍVIA).

Enquanto, os homens relatam que as reações percebidas são caracterizadas por olhares, cochichos, e tendência a feminiza-los, podendo, com mais frequência que nas mulheres, evoluir para agressão física.

“[...] tinha aquelas brincadeiras chatas na escola do tipo de chamar de veado, bixinha...” (ARTHUR).

Portanto, podemos afirmar que além de ser necessária a inclusão de políticas para estas minorias, é imprescindível trabalhar temáticas sobre a sexualidade humana e suas diversas formas de expressão dentro da universidade, contribuindo para romper com o tabu que impede uma maior abertura para conviver com a homoafetividade. Segundo Silva e Muller (2012) é preciso possibilitar discussões sobre o corpo, o gênero e a sexualidade na direção de construir uma sociedade que respeite as diferenças, ou seja, uma sociedade com mais igualdade social, possibilitando assim um ambiente mais agradável para que todos possam se expressar livremente.

A forma como homens e mulheres devem se comportarem público, principalmente em relação a seus afetos, vem de um discurso normativo sobre a heterossexualidade, sinalizado por Foucault:

Além de leis e saberes específicos, foi constituído um dispositivo da sexualidade, que pode ser entendido como um amálgama de discurso, instituições, leis, o dito e não dito acaba por regulamentar a vida em sociedade por meio da sexualidade. (FOUCAULT apud PERILO, p.9, 2012).

Tal discurso dificulta a compreensão de pessoas heterossexuais sobre as relações homoafetivas. As pessoas que não se enquadram na chamada heteronormatividade, muitas vezes tem sua vida afetiva ridicularizada e tratada como uma aberração social quando expostas a um ambiente público.

Apesar de se preocuparem com reações agressivas de homofobia, entendemos que os entrevistados demonstram considerar irrelevantes reações como cochichos, olhares e apelidos pejorativos frente à expressão de sua sexualidade em ambientes públicos.

“Aqui eu nunca percebi nada demais, fora olhares, cochichos, essas coisas... como hoje em dia eu tenho uma forma diferente de pensar isso não me incomoda tanto”. (RODRIGO).

“Sempre tem um olhar diferente, percebo um cochicho tipo, “nossa tá vendo ali duas meninas”. Isso quando alguém não fala, “nossa, mas vocês são tão bonitas, que desperdício”, algumas coisas assim, mas é só isso mesmo.” (CAMILA).

Apesar desta aparente normalidade e aceitação quanto às reações percebidas, muitos relatam não se sentirem à vontade para expressarem seus afetos em público, como ficou claro na resposta de uma das entrevistadas:

“Eu acho que tem a questão assim de cada um. Acho que há lugares e lugares, então assim, não precisa de eu sair por aí beijando um milhão de pessoas na frente de Deus e mundo, no meio do campus, porque não tem nada a ver pelo ambiente que é.” (MARIANA).

Outro ponto percebido, é que em alguns relatos os entrevistados demonstram a dificuldade de se expressarem em lugares como sala de aula e ambientes familiares. Infere-se que possivelmente, eles próprios não se sintam adequados a esses ambientes, pois se desculpam, dizendo que respeitam tais locais e que esses não são apropriados para a expressão de seus afetos. Alegam que existem lugares apropriados para isso, como boates gays e bares. Isso se apresenta em falas como:

Acho que há lugares e lugares que dá para você ficar abraçado mais perto, e tem lugares que você tem que respeitar. (JULIA).

A predileção por ambientes que se apresentam como apropriados a estas expressões pode ser interpretada como uma evidência de discriminação sofrida pelo público homoafetivo quando estão em locais que não possuem características que condizem com sua orientação sexual.

Segundo Perillo (2007), o público homoafetivo prefere encontrar-se em espaços delimitados, onde seus afetos possam ser previstos e tolerados pelos presentes no local. Entende-se então que a questão das expressões homoafetivas em um ambiente público nos impõe a discussão acerca da liberdade de expressão.

Para os estudantes pesquisados, a demonstração de suas afetividades em locais públicos é algo que as pessoas ainda não estão acostumadas a presenciar, e por isso preferem evita-las, como cita o entrevistado:

Enquanto eu namorava eu tentava manter o mais sigilo possível, não deixava de sair, mas não saía de mão dada, não dava beijo na rua porque é uma coisa que as pessoas não se acostumaram com isso ainda. (MARCOS).

Há uma unanimidade no que diz respeito ao recebimento das reações negativas das pessoas que presenciam suas expressões de afeto em espaço público. Relatam preferir não reagir às críticas por entenderem que existe uma resistência da sociedade em aceitar estas manifestações.

Segundo Maranhão (2004) é pela mudança dos costumes e valores sociais que os relacionamentos homoafetivos foram ganhando mais espaço no meio social, que vêm aceitando aos poucos às manifestações desses relacionamentos. Contudo compreende-se que eles se sentem tranquilos quanto ao recebimento das reações justamente por saberem que ainda há uma resistência das pessoas quanto à aceitação do relacionamento homoafetivo.

Segundo Cechinatto (2013) a família é o alicerce de qualquer pessoa que tenta viver uma vida digna, e para os homoafetivos isto não é diferente. Considerando os aspectos culturais, as famílias podem ter dificuldades em proporcionar a seu (sua) filho (a) homoafetivo (a) uma sensação de acolhimento que, convencionalmente, essa instituição deveria gerar. O funcionamento e a dinâmica dessas famílias poderão gerar maior proximidade ou distanciamento, principalmente, ao que se refere à descoberta da orientação sexual de seu filho.

De acordo com França (2009) é importante para os homoafetivos poderem assumir sua orientação homoafetiva perante seus familiares. Sentir-se amado, aceito e reconhecido pela

família é um requisito básico para o bem-estar emocional. Existem múltiplas reações às quais os filhos homoafetivos podem enfrentar ao declarar sua sexualidade à família. Existem famílias que rejeitam qualquer seja o membro da família ao descobrir sua sexualidade, ignorando o ser humano que existe neles independente da sexualidade.

O mesmo autor também afirma que há uma dificuldade dos pais em elaborar quando as escolhas de um filho não suprem suas expectativas. Existem também as famílias que aceitam seus filhos e entendem a importância de sua aceitação, adaptando-se as mudanças que forem necessárias para vivenciar em harmonia esta fase conflituosa de descobertas do filho.

Osorio citado por Cechinato aponta que “é a família o laboratório de experimentação e análise crítica dessa nova moral sexual emergente”, sendo necessário vivenciar as situações para aprender a lidar com elas. (CECHINATTO, 2013, p.23-24).

Diante de tais fatos, constatamos que os sujeitos que declararam ter sua condição homoafetiva aceita por sua família demonstram encarar as situações homofóbicas com mais segurança e menos fragilidade.

Eu vivi em um ambiente que me assumi cedo e minha família nunca teve problema, então isso me confortou muito. [...] minha família, que são as únicas pessoas que eu me importei quando eu me descobri, eles me aceitaram super bem, então eu não ligo quando alguém fala de mim. (BERNARDO).

Enquanto os que se sentem excluídos da família ou ignorados em sua condição, quando expostos a situações de homofobia se sentem mais vulneráveis, demonstram mais fragilidade e dificuldade em se expressarem publicamente.

Ah, eu me sinto muito mal, é horrível, tanto que é tão ruim, que a gente evita. Dependendo do tipo de homofobia que acontece, sei lá, me dá vontade de desistir..., mas não tem como a gente deixar de ser o que a gente é, não tem jeito. A gente é isso. (JULIA).

De acordo com Singly citado por Teixeira Filho e Toledo (2013), "é no espaço onde circula o amor que se constrói uma grande parte da identidade pessoal dos indivíduos" (p. 14). Sendo assim, é preciso o reconhecimento de alguém a quem atribuímos importância e sentido para que nos sintamos seres autênticos, para que nos sintamos existentes.

França (2009) também contribui a respeito, dizendo que a revelação da homoafetividade de um filho pode ser extremamente perturbadora para um sistema familiar heterossexual. Observamos que existe um receio de possíveis rompimentos com a família e medo de decepcioná-los ao assumirem sua sexualidade. Um dos problemas mais doloridos relacionados à ho-

mofobia, segundo o mesmo autor, refere-se à não aceitação pela própria família, com a possibilidade de rejeição ou marginalização, não por terem feito algo errado, mas por uma questão existencial.

Uma das participantes afirma não ser assumida para sua família por medo de magoar os sentimentos da mãe e causa-la decepção, e também demonstra grande fragilidade e insegurança frente às situações de homofobia vividas, como traz em sua fala:

Eu não sou assumida, por que meu irmão é gay, assumiu pra minha mãe e eu 'tava' perto, eu vi como ela se sentiu péssima, chorou [...] pensei em falar com ela várias vezes, mas por eu ter visto o sofrimento dela com meu irmão, eu nunca tive coragem. (JULIA).

Nesse sentido, percebe-se entre os entrevistados um sentimento contraditório frente à revelação de sua homoafetividade, pois de um lado existe o desejo de reconhecimento e de poder falar de si mesmo para suas famílias com sinceridade, por outro lado existe o medo do rompimento dos laços afetivos e da rejeição pelos mesmos.

Constatamos então que a possibilidade de rompimento com a família é um dos aspectos mais delicados no processo de descoberta e aceitação de sua homoafetividade, sendo a homofobia familiar a pior forma de discriminação que os sujeitos podem vivenciar durante este processo.

4 CONCLUSÃO

O tema sexualidade está imerso em nosso cotidiano, entretanto, existe grande resistência em debater sobre o assunto. Faz-se necessário refletir sobre a sexualidade e ampliar as discussões, para que seja possível uma melhor compreensão sobre o tema.

Percebe-se, portanto, que os principais desafios encontrados para expressões homoafetivas no espaço público estão ligados a fatores como a rejeição em seu âmbito familiar, o que propicia um sentimento de exclusão por não se sentirem acolhidos por pessoas que, de acordo com os entrevistados, são a base mais importante de seus relacionamentos.

Outro fator que inibe ou regula expressões homoafetivas no espaço público é o medo de agressões físicas, oriundas da intolerância fortemente presente na sociedade. Nota-se que grande parte dos entrevistados não percebe a universidade como um espaço propício para manifestarem sua sexualidade, pois se veem como minoria em um espaço em que há uma grande diversidade de opiniões, afirmando ser necessário que haja um controle de suas expressões.

Os resultados obtidos também indicaram que o fato de a universidade ser um espaço que promove reflexões e pensamentos críticos não garante a aceitação de manifestações que fujam da heteronormatividade, mostrando que o preconceito, mesmo não se apresentando de forma explícita ainda está fortemente presente na atualidade. Comisso, os entrevistados demonstram sentirem-se inibidos e relatam que suas manifestações são inapropriadas para o local.

Pode-se observar, na presente pesquisa, como a aceitação da família sobre sua sexualidade interfere na forma como os homoafetivos lidam com o preconceito, demonstrando imensa fragilidade frente a situações homofóbicas. Por outro lado, aqueles que se consideram aceitos em seu âmbito familiar apresentam mais segurança e menos fragilidade quando expostos a situações de homofobia. Infere-se que tal fato deve-se, provavelmente, a necessidade de ser reconhecido por alguém ao qual atribuem amor, para que se sintam acolhidos, aceitos em sua vivência homoafetiva.

Percebe-se que os entrevistados apresentam controvérsias em suas respostas no que se refere a situações de homofobia já vivenciadas, alegando se sentirem indiferentes a tais reações, entretanto optando por não se manifestarem em público. Denota-se a importância da realização de pesquisas a serem desenvolvidas, buscando compreender o motivo de existir esta dificuldade em compartilhar situações constrangedoras já vivenciadas.

Um dado que merece destaque é o fato de os entrevistados demonstrarem não ter clareza sobre o real conceito de homofobia, ao desconsiderarem apelidos ou atos simbólicos. Isto evidencia a importância de ampliar debates dentro das universidades sobre o tema discutido, para que haja mais clareza sobre o real significado da homofobia e suas formas de se apresentar. Tal percepção deve servir de alerta para refletirmos sobre de que forma podemos atuar para prevenir e combater a homofobia dentro destes espaços.

Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para a formulação de estratégias na implementação e aprimoramento de políticas públicas para os homoafetivos, contribuindo para minimizar os preconceitos atribuídos a estes, promovendo assim uma maior tolerância e respeito às diversidades dispostas em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Ministério da Educação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=116:qual-e-a-diferenca-entre-faculdades-centros-universitarios-e-universidades&catid=127&Itemid=230>. Acesso em 07/06/2015.

BRAZ, E. P. **A afirmação de identidades sexuais e o discurso heteronormativo no ambiente escolar.** III seminário internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador/Bahia, 2013. Disponível em <http://www.sies.uem.br/anais/pdf/genero_e_identidade_de_genero/5-09.pdf> Acesso em 09/05/2015

CÂNDIDO, Aécio. **A URRN frente ao conceito de universidade: um olhar sobre si mesmo.** Agosto, 2010. Disponível em: <www.uern.br/professor/arquivo_baixar.asp?arq_id=2869>. Acesso em 08/06/2015.

CECHINATTO, Solange Darui. **Pais com Filho(a) Homossexual: e agora, como lidar com isso?** 2013. Disponível em: <<https://psicologado.com/psicologia-geral/sexualidade/pais-com-filho-a-homossexual-e-agora-como-lidar-com-isso>>. Acesso em 29/05/2015.

COSTA, Daniela Márcia Caixeta. **Descortinando a homofobia.** Rev. Estud. Fem. 2012, vol.20, n.2, pp. 585-587. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200019>. Acesso em 08/07/2015.

DINIZ, N. F. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência.** Educar em Revista. Curitiba, Brasil, n. 39. P.40. Jan. /abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602011000100004&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 02/05/2015.

DINIZ, T. L. D. **Homofobia e Educação, um desafio ao silêncio.** 2008. Disponível em: <http://www.anis.org.br/biblioteca/2014-12/homofobia_e_educacaopdf.pdf>. Acesso em 02/05/2015.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FRANCA, Maria Regina Castanho. **Famílias homoafetivas.** Rev. bras. Psicodrama [online]. 2009, vol.17, n.1, pp. 21-33. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100003> Acesso em 03/05/2015

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14397>>. Acesso em 29/05/2015.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia nas Escolas: um problema de todos.** Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. **Coleção Educação Para Todos**, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001871/187191por.pdf>>. Acesso em 08/06/ 2015.

LINCK, Ieda Márcia Donati. et al. **A inserção dos casais homoafetivos no contexto Familiar: além de uma discussão, uma realidade legal.** XVI Seminário Internacional de educação no Mercosul. Julho, 2014. Disponível em: <[http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/\(cod2_647\)28_familia_homoafetiva.pdf](http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/(cod2_647)28_familia_homoafetiva.pdf)>. Acesso em 03/06/2015

LUCC, Marcos Antônio. **A proposta de Vygotsky: A Psicologia Sócio-Histórica**. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~recfpro/rev102COL2port.pdf>>. Acesso em 29/05/2015.

MARANHÃO, G. **Relações Homoafetivas: uniões de afeto**. Disponível em: <http://www.mpgo.mp.br/portalweb/hp/41/docs/relacoes_homoafetivas_unioes_de_afeto.pdf>. Acesso em 29/05/2015.

MAROLA, Caroline A. G. et al. **Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências**. Psic. da Ed., São Paulo, 33, 2º sem. de 2011, pp. 95-118. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n33/n33a06.pdf>>. Acesso em 07/06/2015.

MOLON, Susana Inês. **Questões metodológicas de pesquisa na abordagem sócio-histórica**. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/viewFile/7132/4884>>. Acesso em 29/05/2015.

MOREIRA, J.S. e MELO, A. S. A. F. **Homofobia no espaço escolar: reflexões a partir de publicações científicas**. III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES. Direito, Educação, Gênero, Religião e Direitos humanos. Salvador/Bahia, 2013.

NUNES, César. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

PERILO, Marcelo. **Domingo no parque: notas sobre sociabilidade de jovens homossexuais em espaço público**. Goiás, Brasil. 2012. Disponível em: <publicaciones.ffyh.unc.edu.ar/index.php/.../article/download/867/869>. Acesso em 08/06/2015.

SANTOS, JP.; BERNARDES, NMG. **Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas**. Psicologia e práticas sociais [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Pp. 289-296. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-27.pdf>> Acesso em: 02/05/2015

SÊGA, Rafael A. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Porto Alegre, n.13, Julho/2000. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>>. Acesso em 05/06/2015.

SILVA, Andressa; FOSSÁ, Maria **Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos**. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ129.pdf>. Acesso em 29/10/2014.

SILVA, Jefferson Silveira et al. Aceitar, Rejeitar, Conformar: Ambivalências em narrativas de mães diante da “descoberta” da homossexualidade do/a filho/a. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas** v. 1, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13585>>. Acesso em: 03/05/2015.

Superior Tribunal de Justiça - **O tribunal da Cidadania**. Disponível em:

<http://stj.jus.br/portal_stj/objeto/texto/impressao.wsp?tmp.estilo=&tmp.area=398&tmp.texto=89663>. Acesso em 05/06/2015.

TOLEDO, L. G. e TEIXEIRA FILHO, F. S. **Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'**. Arq. Bras. Psicol. [Online]. 2013, vol.65, n.3, pp. 376-391. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13585Homofobia%20familiar:%20abrindo%20o%20arm%C3%A1rio%20'entre%20quatro%20paredes>> Acesso em: 03/06/2015.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação**. Autores Associados, 1998.